

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

A EPISTEMOLOGIA MATERIALISTA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA REALIDADE

Edgar de Campos Neto¹

Sandra Aparecida Pires Franco²

Eixo temático: Processos de pesquisa em educação

O presente texto teve a sua gênese a partir das leituras dos textos e discussões que constituíram a disciplina 2EDU 544 “Estudos Avançados I - Epistemologia e Pesquisa em Educação”, a qual é obrigatória aos doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O objetivo geral da respectiva disciplina foi apresentar um panorama com as diversas correntes epistemológicas acerca da seguinte temática: o que é o conhecimento no campo científico e suas implicações para a vida humana.

É pertinente apresentarmos as diversas epistemologias abordadas no desenvolvimento da disciplina, visto que isso permite ao leitor uma visão das diferentes correntes teóricas que são utilizadas pelo homem para o conhecimento da realidade. Ressaltamos que não temos por finalidade discutir cada uma das epistemologias em suas especificidades, mas evidenciamos que existem divergências e convergências entre elas. Antes, trazemos o percurso em que elas foram apresentadas.

O ponto de partida foi a introdução ao campo epistemológico. Em seguida, tivemos a concepção de conhecimento, verdade, experiência e paradigma no pensamento filosófico do Pragmatismo. Depois, realizamos a análise da concepção de experiência no pensamento filosófico de John Dewey com abordagem da “pauta de investigação” e a contribuição para a pesquisa em educação.

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL)
edgar.campos.neto@uel.br

²Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL)
sandrafranco@uel.br

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Em momento posterior, trabalhamos com a análise da concepção de paradigma e o profissional da ciência: o conhecimento e a comunidade científica, a “vocação” científica e a pesquisa em educação. Após, tivemos o estudo do conceito de campo científico e habitus. Posteriormente, estudamos sobre a constituição do campo epistemológico das ciências humanas na visão de Foucault.

Em continuidade às epistemologias, houve a exposição da perspectiva marxista. Logo após, o foco esteve na dialética e suas contribuições para a pesquisa em educação. Seguidamente, discutimos sobre a Teoria Crítica e a educação, e por último o nosso olhar esteve direcionado às Epistemologias do Sul.

Para cada aula, realizamos a leitura dos textos propostos no programa da disciplina com a finalidade de levantar os principais conceitos de cada epistemologia abordada, assim como também realizamos uma escrita de aproximação com o nosso objeto de pesquisa, que é a música. A nossa pesquisa está em sua fase inicial, dessa maneira estamos nos aprofundando nos conceitos da teoria escolhida, que será o fundamento para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, entre as diferentes epistemologias que nortearam a disciplina, optamos pela epistemologia materialista, dado que a justificativa para tal escolha é em consequência das suas contribuições para o entendimento do que é o trabalho, a sociedade e o desenvolvimento das relações sociais, como também permite problematizar as contradições existentes na realidade humana. Outro fator de justificativa é que no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), bem como na escrita da dissertação no mestrado, o referencial teórico utilizado foi o materialismo histórico e dialético. Com isso, afirmamos que esse não é o nosso primeiro contato com a referida teoria.

Com as breves considerações iniciais tecidas, partimos do pressuposto de que o homem, enquanto um sujeito social, desenvolve suas relações no âmago da sociedade em que está inserido e utiliza diferentes correntes teóricas para o conhecimento da realidade. Nesse sentido, uma das possibilidades para atingir tal objetivo é a ciência, visto que é sua produção e manutenção que permitem o desenvolvimento do ser humano. A ciência em nossa sociedade

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

não é vista somente a partir de um único olhar, dado que existem diferentes correntes epistemológicas que são utilizadas pelo homem para a sua explicação.

A nossa sociedade é permeada por conflitos, sejam eles nos ambientes políticos, sociais, econômicos, estéticos ou ideológicos. Com isso, podemos afirmar que não existe um ponto de neutralidade. De maneira similar, isso também ocorre na ciência, pois ter acesso ao conhecimento científico é um ato político. O campo científico também é uma arena de disputa.

Para que haja o conhecimento, é necessário que isso aconteça na relação entre sujeito e objeto, binômio que é composto pelo homem e a sua realidade material. Assim, para que o homem tenha uma apreensão crítica da realidade, é imprescindível o pensamento dialético. Segundo Kosik (1969, p. 15-16), “a dialética é o pensamento que se propõe a compreender “a coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”. Portanto, o conhecimento da realidade não é uma tarefa fácil de ser realizada, visto que tal ação exige a superação da aparência para o alcance da sua essência, pois para Cury (2000, p. 23) “a essência, também, chamada de coisa em si, é o objeto da dialética”. Dessa maneira, é somente por meio da dialética que ao homem é possível o salto qualitativo de uma aproximação inicial por meio do fenômeno e no entendimento do seu movimento chegar a sua essência. Corroborando com isso, Pinto (1979, p. 212) também afirma que

A dialética constitui o modo superior de pensar a realidade, mas é um modo de pensar do homem concreto, de alguém que está obrigatoriamente em comunicação com os seus semelhantes, que vive em sociedade, em determinado regime político e econômico, e se exprime pela linguagem usual.

Nesse sentido, o conhecimento da realidade não é desvinculado da concretude da vida, pois o homem é um sujeito que age e transforma o seu mundo. A partir das ideias iniciais expostas, podemos apontar como questões norteadoras: qual a necessidade do ser humano em conhecer a sua realidade? E quais são as implicações que resultam dessa respectiva ação? Para responder às indagações propostas, apontamos como objetivo geral: tecer uma breve reflexão acerca da concepção epistemológica materialista a partir dos conceitos de sociedade e trabalho.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Com o intuito de responder às questões do texto, nossa metodologia é composta por uma concisa revisão de literatura, que tem como referências os seguintes autores: Cury (2000), Cheptulin (1982), Kosik (1969), Marx (2008, 2023) e Marx e Engels (2007), Masson (2007) e Pinto (1979).

Quando enunciamos a escolha pela epistemologia materialista, isso implica que fazemos referência aos conceitos que são primordiais da teoria marxista. Destacamos alguns como: trabalho, alienação, ideologia, fetichização, propriedade privada, capital, produção, entre outros. Nesse momento, não temos a intenção de discutir os conceitos relacionados, mas possuímos a consciência de que eles são essenciais para a compreensão do referido campo teórico.

Para pensarmos acerca do que é o marxismo, entendemos que isso é realizado em dois caminhos que se inter cruzam: por uma via, pensamos nele como a teoria que explica as relações sociais na sociedade capitalista; por outro lado, ele também é um método de investigação, o qual Marx utilizou para explicar a sociedade burguesa do seu tempo. Em vista disso, os estudos de Masson (2007) nos apresenta as principais categorias do marxismo, ressaltando a importância do método desenvolvido por Marx para o entendimento da realidade de sua época. Masson (2007, p. 111) afirma que

[...] o método é dialético, pois a apropriação do concreto pelo pensamento científico se dá pelo complexo de mediações teóricas abstratas para se chegar à essência do real, e é materialista porque o conhecimento científico se constrói pela apropriação da essência da realidade objetiva.

Com isso, entendemos que para o desvelamento da realidade humana, o primeiro aspecto que interpelamos é a caracterização da nossa sociedade. Inicialmente sinalizamos que ela é caracterizada como capitalista, pois a sua reprodução tem como base o capital, afinal para Marx (2008, p.267) “o capital é a potência econômica da sociedade burguesa, que domina tudo”. Isso quer dizer que, após a ascensão da burguesia como classe dominante e sua respectiva perpetuação, em todos os setores da sociedade o capital tem deixado a sua marca. Sem ele, não haveria o *statu quo* da atual sociedade. Dessa maneira, na teoria materialista, a base da

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

sociedade é a estrutura econômica e todas as relações sociais dos homens são construídas sobre esse fundamento.

Outro apontamento é que a nossa sociedade tem duas características principais, as quais consistem em ser burguesa e capitalista, dupla afirmação que é justificada pelo fato de que, segundo Marx (2008, p. 264), “a sociedade burguesa, é a organização histórica da produção mais desenvolvida, mais diferenciada”. A burguesia, em seu momento de ascensão, foi uma classe revolucionária, mas tornou-se uma classe dominante, afinal detinha os meios de produção.

Para a epistemologia materialista, o trabalho é um conceito de suma importância, visto que para a existência da vida humana é necessário que os homens desenvolvam essa atividade. O homem desenvolve o trabalho no seio social existente e, em nosso caso, na sociedade capitalista e burguesa. Na visão do materialismo histórico e dialético, o trabalho é a atividade na qual o homem produz o mundo material. Isso ocorre em um duplo sentido, pois o homem modifica a natureza e também é modificado por ela. A riqueza existente em nosso mundo é o resultado da ação humana por meio de sua atividade vital, o trabalho.

É na ação do homem sobre a natureza que ele produz os meios de sua existência. O trabalho, em sua essência, permite ao homem transformar a natureza para a satisfação de suas necessidades, assim como a natureza também transforma o homem. Segundo Marx (2023, p. 326), “o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla o seu metabolismo com a natureza”. Nesse sentido, o homem inicialmente desenvolve o trabalho como maneira de sua própria autopreservação enquanto espécie.

Considerando esse aspecto inicial do trabalho, percebemos que o homem possui uma relação direta com a natureza, mas que o desenvolvimento do trabalho não é restrito somente a essa particularidade. O trabalho é a atividade que possibilita aos homens a construção da realidade, ou seja, os homens por meio do trabalho produzem e reproduzem a materialidade da sua existência. Segundo Marx e Engels (2007, p. 87),



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado modo de vida desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o que produzem como também com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.

Nesse sentido, as condições para o desenvolvimento do trabalho humano estão atreladas à sociedade capitalista, a qual é marcada por duas classes que são antagônicas, dado que de um lado temos a burguesia, que possui os meios de produção, e de outro lado temos o trabalhador enquanto proletariado, que vende a sua mão de obra para a satisfação de suas necessidades básicas.

Dessa forma, na sociedade capitalista o trabalho é desenvolvido de maneira alienada, o que é justificado pela existência da propriedade privada, pois ela é constituída por tudo aquilo que não é representado como um meio de subsistência. No capitalismo, a propriedade privada é o meio de produção que também gera o lucro. Por exemplo, as máquinas, as terras, os bancos, a grande indústria, o agronegócio, as empresas de comunicação, entre outras, são consideradas propriedade privada.

A maneira como o trabalho é realizado na sociedade capitalista é contraditório. Segundo Cury (2000, p. 31) “a contradição não se limita, então, a ser uma categoria que melhor compreende a sociedade. Ela compreende também todo o mundo do trabalho e seus efeitos e se estende a toda atividade humana”. A questão central não é o trabalho em si, mas a maneira como ele é organizado e desenvolvido na atual sociedade capitalista, visto que o trabalho tem o papel de humanização para o homem, mas na atual conjuntura o trabalho é alienado.

Isso ocorre porque uma das consequências do modo de produção capitalista é a alienação, a qual é percebida na relação do trabalhador com o resultado do seu trabalho, visto que ele não tem acesso aos bens que produziu. Apesar de serem contraditórias as relações entre a sociedade, as suas classes e o trabalho, essa tríade é responsável pela produção e reprodução

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

da existência humana como do próprio sistema capitalista e a manutenção do seu *statu quo*. Em relação à contradição, Cheptulin (1982, p. 310) afirma que:

Levando em conta a especificidade da manifestação e da resolução das contradições na sociedade, todas as contradições que concernem à vida social poder ser divididas em antagônicas e não antagônicas. São antagônicas as contradições entre as classes e outros grupos sociais que tem interesse opostos. São não-antagônicas as contradições entre as classes ou outros grupos sociais que tem interesse comuns em questões fundamentais da vida e interesses opostos ou diferentes em questões não fundamentais, particulares.

Dessa maneira, à luz da afirmação do referido autor, entendemos que na sociedade a relação entre a burguesia e o trabalho será sempre vista de maneira contraditória, pois ambos são necessários para o desenvolvimento do trabalho. Entretanto, a visão sobre essa atividade é antagônica, afinal a burguesia detém os meios de produção e por isso é ela que determina a forma como o trabalho é organizado, dado que no seu objetivo está presente o lucro enquanto o trabalhador se sujeita às condições impostas, ou seja, o seu objetivo é a satisfação de necessidades que lhe são necessárias para a sua existência.

Portanto, é sob o foco da epistemologia materialista e a partir dos conceitos de sociedade e trabalho que sucintamente faremos as primeiras aproximações com o nosso objeto de estudo, conforme mencionamos anteriormente.

Considerando que a música é também uma produção do trabalho humano, na sociedade capitalista ela não escapa das influências do capitalismo, visto que ele a converte em uma mercadoria a ser comprada. Nesse sentido, o seu acesso se torna um privilégio para os sujeitos que têm as condições de acesso ao bem produzido pela humanidade. Na atual conjuntura, o capital tem adentrado em todos os setores da sociedade, e o campo estético não está isento de suas ideologias.

A música, enquanto arte, deveria ser apreciada pelo homem, dado que ela tem o seu lado objetivo e subjetivo. Apesar de a música estar presente em nossa vida cotidiana, o seu verdadeiro papel é colocado em segundo plano, pois a sua utilização tem se restringido a uma explosão de emoções ou ao despertar de comportamentos. Em nossa sociedade, ainda

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

temos a carência da formação musical enquanto fruição estética. Para a audição e apreciação da música, não é necessária a formação enquanto músico, mas antes a sensibilização de sujeitos ouvintes.

Com o exposto da breve reflexão, entendemos que o ponto de partida para o homem conhecer a realidade do seu entorno está na compreensão do que é a sociedade capitalista e suas características como também o desenvolvimento do trabalho neste modelo societal. É no entendimento intrínseco dos conceitos apresentados que o homem pode apreender a realidade que não é restringida ao senso comum, ou seja, que não é limitada somente à aparência.

Além disso, a epistemologia materialista proporciona ao homem o conhecimento da realidade por meio do pensamento dialético, possibilitando assim ao ser humano perceber e entender as relações contraditórias da sociedade, pois a classe burguesa tem um papel de dominação sobre a classe trabalhadora, visto que a burguesia detém os meios de produção e que por isso é quem determina a organização do trabalho na sociedade.

Ainda é necessário que o homem supere a visão ingênua acerca do trabalho, o qual não deixa de ser necessário, mas cujas condições materiais existentes na sociedade e a sua organização têm como consequência o desenvolvimento do trabalho de maneira desumanizada. A vida humana é cerceada pelas contradições que são consequências do capitalismo, que em seu aã não deixa espaços para o homem desenvolver um pensamento crítico sobre a realidade que o envolve.

Palavras-chave: Epistemologia materialista. Pensamento dialético. Sociedade. Trabalho. Música.

REFERÊNCIAS

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa e Omega, 1982. 354 p.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

CURY, Carlos Roberto Jamil. As categorias. *In*: CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 21-52.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S. A., 1969.

MARX, Karl. O método da economia política. *In*: MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 257-268.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia em geral, em especial a alemã. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 83-95.

MASSON, Gisele. Materialismo histórico e dialético: uma discussão sobre as categorias centrais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, p. 105-114, jul./dez, 2007.

PINTO, Álvaro Vieira. Os conceitos e as leis dialéticas. Caráter existencial do pensamento dialético. *In*: PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 197-215.

